

# HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA

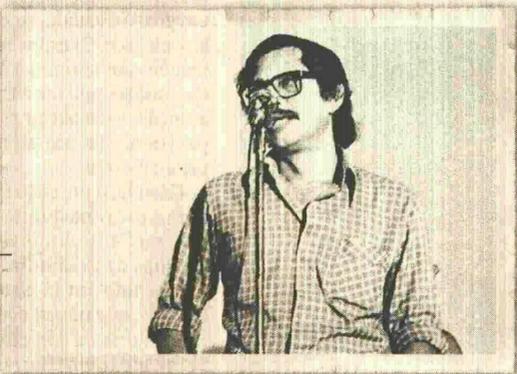
» LÚCIO FLÁVIO E TIAGO FARIA

Em dias de chumbo ou de estabilidade, o Festival de Brasília não perdeu o bonde do tempo: espelhou as transformações do cinema brasileiro e as tensões políticas do país. Nos anos 1960, a mostra acompanhou um dos períodos mais criativos da produção nacional, com filmes como *Todas as mulheres do mundo* (Domingos Oliveira) e *A hora e a vez de Augusto Matraga* (Roberto Santos), e flagrou a explosão do Cinema Novo (com longas como *O desafio*, de Paulo Cesar Saraceni, e *Os deuses e os mortos*, de Ruy Guerra). Na década seguinte, desafiou a censura até ser suspenso por

três anos (de 1972 a 1974).

Sessões memoráveis como as de *Meteorango Kid — O herói intergalático* (André Luiz Oliveira) e *O país de São Saruê* (Vladimir Carvalho) são dignas de antologia pela fúria com que enfrentaram os censores. No caso de Vladimir, o filme entrou na seleção de 1971, mas foi trocado de última hora por *Brasil bom de bola*. Só estrearia no festival em 1979. Décadas depois, a mostra continuou a defender essa atitude de combate. O thriller urbano *O invasor*, de 2001, mostra a renovação de um espírito de resistência que ainda anima o evento.

Arquivo CB/D.A Press



Júlio Bressane Producoes Cinematograficas/Reprodução



Horne Video/Divulgação



F. Gualberto/CB/D.A Press - 24/12/82



Arquivo/CB/D.A Press



Pandora Filmes/Divulgação



» **JÚLIO BRESSANE**, *O anjo nasceu* - 1969 (foto)

Numa edição concorrida (havia filmes como *Macunaíma*, *A mulher de todos* e *Meteorango Kid*), as longas cenas do filme de Bressane provocaram estranheza. Hugo Carvana e Milton Gonçalves interpretam dois criminosos. O cineasta, que se tornaria convidado frequente do festival a partir dos anos 1980, estreou em Brasília com *Cara a cara*, exibido em 1967.

"Ao final da sessão houve um misto de temor e de certa insatisfação. Não foi vaiado, mas foi recebido de uma maneira fria. As pessoas não estavam estupefatas com a sessão, sobretudo não sabiam direito o que tinha acontecido, o que era aquilo. Foi uma sessão, nesse sentido, histórica, já que era um filme forte, poderoso e que passou num momento de extremo mal-estar em tudo, era novembro de 1969. Foi uma projeção bastante paradoxal e contrastante porque algumas pessoas — poucas pessoas, na verdade — ficaram entusiasmadas e vieram falar comigo. Foi uma reação de silêncio e irritação com relação ao que tinha visto, um certo temor. A cópia chegou em Brasília duas ou três horas antes da exibição, mas correu tudo bem. Apesar disso, o festival teve uma importância negativa para o filme. Ele representou uma espécie de despedida de Brasília. O filme nunca foi exibido no mercado e, depois dele, fecharam o evento para mim por cerca de quase 20 anos. Só voltei em 1981, com *Tabu*. De 1969 a 1981, todos os filmes que mandei foram recusados. Cerca de cinco a seis filmes. O período pós-exibição de *O anjo nasceu* foi triste e sombrio para mim."

» **VLADIMIR CARVALHO** (foto), *O país de São Saruê* - 1971/1979

Vladimir começou a filmar o primeiro longa da carreira em 1966. O filme, com imagens secas e duras do sertão nordestino, ficaria pronto em 1970. Mas acabaria interditado pela censura, que impediu a exibição no festival de 1971. O diretor teve que esperar até 1979 para exibi-lo na competição, de onde saiu com um prêmio especial de júri.

"O filme estreou no festival duas vezes. Uma delas, por uma porta tortuosa. No festival de 1971 eu estava com o filme pronto. Entrei na censura e *O país de São Saruê* foi interditado. Não foi nada surpreendente, já que muitos filmes acabavam proibidos naquela fase. Mas fiquei transtornado. Mesmo assim, sem nenhuma expectativa positiva, o inscrevi no festival, como todo mundo. Existia a possibilidade de que a Fundação Cultural pedisse que filmes com problemas na censura fossem liberados apenas para o festival. Para minha surpresa, a comissão de seleção adotou o filme, e ele entrou na mostra competitiva. Dois dias antes do festival, eles tiraram drasticamente meu filme. Foi uma violência. A comissão de seleção protestou com um pedido coletivo de demissão. No dia em que o filme seria exibido (foi substituído por *Brasil bom de bola*), o cinema foi invadido por uma leva de estudantes, que valeram as autoridades e jogaram bolas de gude para os policiais escorregarem. Isso motivou a suspensão do festival. Só em 1979 o filme conseguiu liberação e ganhou Prêmio do Júri em Brasília. Isso me marcou muito. Foi uma sessão muito aguardada pelo público local. Existia um clima muito favorável. A vitória final me conformou. Gostei de terem baixado a crista para o filme. Ela reforçou meus propósitos como trabalhador do cinema: estou sempre atento ao que acontece à minha volta."

» **SYLVIO BACK** (foto), *Aleluia, Gretchen* - 1976

O filme representou um momento de virada para Back. Não ganhou prêmios, mas rendeu o momento eletrizante da edição. Provocou polêmica nos corredores do festival e foi aplaudido de pé pelo público. "Dali para frente, não só se tornou o filme brasileiro mais laureado dos anos 1970 como foi uma inflexão incontornável na minha carreira", diz o diretor.

"De todas as polêmicas que vêm gravando minha carreira, a primeira delas data de 1976, em plena ditadura Geisel. Eu concorria com *Aleluia, Gretchen*, àquela altura ainda não submetido à censura, pois o festival se movia para que os filmes chegassem incólumes ao Cine Brasília. E *Aleluia, Gretchen*, revolvendo o porão político da imigração alemã no Brasil, era (e é) uma nada sutil metáfora sobre autoritarismo, militarismo e um *striptease* do nazifascismo tupiniquim. Cutucava-se a onça com vara curta. O público na noite de sua exibição simplesmente pirou, delirava em gritos e aplausos. Mas nem tudo seriam flores. Numa tarde, flagrei Alberto Cavalcanti, presidente do júri, rodeado de cineastas e jornalistas no lobby do Hotel Nacional. Ao ouvir as palavras *Aleluia, Gretchen*, não resisti. Peguei o final de um comício dele esbravejando contra mim e o filme. Como ele não me reconheceu, sai de fininho, arrasado. No dia da premiação, não deu outra: *Aleluia, Gretchen* foi escarmentado. A plateia pôs-se a gritar meu nome e do filme. Quando se proclamou o vencedor (o belo filme de Cacá Diegues, *Xica da Silva*), o público literalmente uivava xingando o júri até com os mais candentes palavrões."

» **HELENA IGNEZ**, *O bandido da luz vermelha* - 1968

A obra-prima do cinema marginal brasileiro disputou a 4ª edição do festival, ao lado de filmes como *Lance maior*, de Sylvio Back, e *Fome de amor*, de Nelson Pereira dos Santos. Além de ter vencido o Candango de melhor filme, o longa de Rogério Sganzerla (morto em 2004) levou os prêmios de diálogo, figurino e montagem. Ex-mulher do diretor, Helena Ignéz é a musa do filme.

"A sessão foi um escândalo, um sucesso extraordinário. Na noite da exibição, já saímos do cinema como se tivéssemos sido premiados. O público recebeu o filme de forma entusiasmada, sempre muito participativo. A cópia estava perfeita, exibindo uma fotografia belíssima, que ganhou sete prêmios. O festival foi importante porque abriu uma carreira de prêmios impressionante, carreira aliás que até hoje perdura. Recentemente fui premiada num festival de cinema em Trieste, na Itália, pelo conjunto da minha obra e evidentemente o filme estava incluído também."

» **ARNALDO JABOR**, *Tudo bem* - 1978 (foto)

Para Glauber Rocha, o filme de Jabor combina referências como "os Bolerosambas de Nelson Rodrigues" e o cinema de autores como Bergman e Buñuel. "Um filme moderno", concluiu. Concorrendo com longas como *A lira do delírio* e *Chuvvas de verão*, venceu os Candangos de melhor filme, fotografia (Dib Lutfi) e ator coadjuvante (Paulo César Pereiro).

"Pra ser sincero, não lembro muito da noite da sessão. O que posso dizer é que, dos trabalhos que fiz, *Tudo bem* é o que mais gosto. Foi um grande sucesso de crítica, exibido e premiado em festivais importantes, inclusive o de Brasília, que sempre teve um papel de relevância para a história do cinema brasileiro. Mas o filme não me deu dinheiro nenhum, fez 500 mil espectadores, o que para hoje seria muito, mas para a época as grandes bilheterias giravam em torno de 5, 6 milhões. Em *Tudo bem* eu exorcizo os fantasmas da classe média brasileira numa alegoria sobre os conflitos de classe social. Era o microcosmo do Brasil dentro daquele apartamento, uma radiografia daqueles tempos confusos."

» **BETO BRANT**, *O invasor* - 2001 (foto)

Ainda que tenha perdido o Candango de melhor filme para *Lavourea arcaica* e *Samba Riachão*, o drama urbano de Brant (*Cão sem dono*) provocou estrondo no Cine Brasília. Um dos longas mais elogiados da retomada levou os prêmios de direção, trilha sonora, além de um troféu especial de júri para Paulo Miklos, ator revelação.

"O filme estava inédito quando passou no festival. Nem a equipe tinha assistido. Levamos todo mundo para assistir em Brasília. A sessão foi arrebatadora tanto para a gente quanto para o público porque é um filme que tem uma contundência. Ele continua até hoje sendo exibido em mostras, tem gente fazendo teses, livros, pirateando, exibindo no YouTube. De qualquer maneira, é um filme que marcou minha carreira. Já participei de várias edições do Festival de Brasília. É um palco de prestígio, tem sua tradição. É uma mostra que segue com a reflexão do cinema brasileiro."

» **RUY GUERRA** (foto, à direita), *Os deuses e os mortos* - 1970

A batalha entre um homem aventureiro (Othon Bastos) e os poderosos coronéis do sul da Bahia é narrada em tom de sufocante alegoria. Venceu sete Candangos: melhor filme, diretor, fotografia, cenografia, trilha sonora (de Milton Nascimento), ator (Othon Bastos) e atriz (Dina Sfat).

"Lembro de um público dividido entre vaias e aplausos entusiasmados, como é natural diante de qualquer obra que foge dos padrões a que está acostumado. O festival tirou o estigma de um filme ruim para o colocar como um filme de vanguarda, com uma estética própria, ainda que pouco habitual. Também foi importante por ter chamado a atenção da mídia menos atenta, ajudando o filme a encontrar um público que de outro modo poderia ter passado ao largo. O tom alegórico da narrativa, que de certo modo foi uma necessidade imposta pela época para passar pelo feroz crivo da censura, conseguiu os seus fins e o filme não sofreu nenhum corte. Mas levou o filme a uma narrativa hermética, em que todos os seus códigos e significados nem sempre resultaram evidentes para um público menos informado."